

TEATRO À FLOR DA PELE

O teatro baiano é um teatro vivo, à flor da pele, com a carne aberta ao sol de suas crises e sucessos; por isso se busca, o tempo todo, tantas sidas para o teatro baiano; por isso é que produtores, diretores, atores e técnicos não se cansam de fazer teatro, por isso é que abrimos os roteiros dos jornais e vemos mais de vinte peças em cartaz – fenômeno que coloca a Bahia numa das pontas de um triângulo cultural, cujos outros dois vértices estão no Rio de Janeiro e São Paulo.

O teatro baiano vem ganhando asas. Atores saídos de nossos palcos se projetam na cena nacional, no cinema e na televisão. Peças ganham temporadas em outras praças e estados. Este é um momento, paradoxalmente, luminoso para o teatro baiano. Como tantos outros momentos da nossa história que passa pela sobrevivência difícil da profissão, a falta de verbas, a eterna luta pela conquista de público, as crises criativas, a oscilação entre atender ao mercado e poder pesquisar livremente a criação artística, a dificuldade de se manter uma peça em cartaz, enfim, a complexa arte de sobreviver de teatro.

Somos insistentes, teimosos, provocadores, resistentes, mas nunca desistentes. Difícil que algum e nós desista facilmente. Pois escolheu uma profissão que não se abandona. Pois tudo conspira para que se torne realidade a promessa que lançamos sobre nós quando, no desespero de um véspera de estreia, quando tudo parece não funcionar, quando tudo falta, dizemos: nunca mais faremos teatro. E no dia seguinte já estamos pensando na próxima montagem, que papel faremos, o que iremos dirigir, o que produzir. Estranha contradição. Estranho destino que nos foi confiada. Este de ser um Prometeu que renasce a cada dia, mesmo quando os animais comem-lhe o fígado e o corpo torra ao sol de tempos implacáveis.

Tempos que precisam mudar. Que dever trazer o sopro de uma esperança e de uma concretude que possam tornar cada vez mais digna a profissão de artista; que não permitam mais que se trabalhe três, seis meses e ao final da décima segunda noite – por vezes a última da temporada – se possa recolher da bilheteria, no máximo, alguns trocados para cada artista; que não se precise mais suplicar ao público que vá ao teatro, mas, sim, que ele lute para garantir seu lugar naquela noite. Tempos em que a atividade artística fosse considerada um bem de primeira necessidade e a profissão do ator tivesse a mesma dignidade e respeito que tem a do médico ou do engenheiro.

Mas enquanto esses tempos não chegam, o teatro baiano resiste, sim. E resiste fazendo. Não se lamuriando, mas indignando-se, sempre. Essa capacidade de se indignar nunca no será tirada. È ela que nos move. È ela que nos faz enfrentar as contradições e estar presente todas as noites nos palcos, nas ruas, nas escolas, nas empresas, nos hospitais, nas praças públicas – onde quer que seja possível e necessário continuar fazendo teatro.

Luiz Marfuz

Diretor Teatral, Professor da Escola de Teatro da UFBA

(Artigo publicado na Revista “Teatro Baiano Emoção ao Vivo”, junho/2003, Salvador, Bahia)